

OLÚDICO, O IMAGINÁRIO E O PRAGMÁTICO NO ENSINO DE LITERATURA

Sonia Zyngier

Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Nem sempre o teatro é só diversão; há ocasiões em que saímos do teatro mais ricos, mais fortes, mais integrados no complexo processo de ser parte de uma humanidade”

Bárbara Heliodora Carneiro de Mendonça
(in “O Globo”, 3 de julho de 1995, 2º. caderno, p. 4)

Se observarmos os cursos de formação de professores de línguas materna e estrangeiras, notaremos a ausência de discussões a respeito do ensino de literatura. No entanto, a prática pedagógica da literatura, assim como o ensino de língua, requer conhecimento de técnicas e reflexão sobre a importância da literatura no processo educativo. Além disso, se a literatura é uma das múltiplas formas de se usar a linguagem, se o ensino de literatura busca sensibilizar o aluno para o texto escrito, faz-se necessário discutir de que forma avanços em outras áreas de estudo podem lançar nova luz sobre esta área.

Neste artigo, pretendo enumerar algumas questões que surgem quando se busca justificar o ensino de literatura. Ao desfazer alguns mitos, procurarei oferecer novas perspectivas a partir de

estudos mais recentes em lingüística e teoria literária, e apontar para a necessidade de uma discussão mais profunda.

1. Literatura é prazer. Embora verdadeiro, esse argumento deve ser usado com cautela. Há pelo menos duas questões em jogo aqui. A primeira é a da marginalização da literatura que resulta do tratamento da arte literária como um apêndice. Uma sociedade que vê seus cidadãos como consumidores passíveis de serem manipulados pelo discurso persuasivo da mídia não pode entender a literatura como uma atividade necessária. Insiste em considerá-la um prazer supérfluo. Nas salas-de-aula, essa perspectiva se reflete na abordagem intuitiva que se dá ao texto, no “achismo”, numa explicação textual mais adjetiva do que interrogativa. A aula de literatura se torna capricho de um currículo que não valoriza ou que não quer valorizar o ensino de literatura. E por quê? A literatura pode levar o indivíduo a refletir e conseqüentemente a perceber a manipulação ideológica daqueles que detêm o poder. Essa postura fica evidente na proibição e queima de livros que a História vem registrando através dos tempos nas mais diversas sociedades que se utilizam da escrita. Ora, se a literatura exercita a mente, ela é essencial para uma sociedade que se torna cada vez mais cerebral.

Em segundo lugar, se literatura é prazer, como transmitir esse prazer ao aluno? O que é prazer para o professor, pode não o ser para o aluno. Além disso, o problema se complica já que tanto “professor” quanto “aluno” são, na verdade, constructos. Não existem na realidade do dia-a-dia, quando o que se tem são indivíduos diferentes, com histórias de vida diversas, com características pessoais distintas. Outro fator de complicação está na transmissão. Não se pode usar o imperativo expresso na noção de que ler tem que ser uma atividade prazerosa. É necessário que professores se conscientizem de que lhes cabe meramente propiciar a oportunidade para que o prazer possa ser desfrutado.

A literatura é lúdica, sim, porém no sentido de ser um ato de

poesis, uma forma de colocar a própria linguagem em observação, de, através deste ato, espelhar um modo de pensar e agir. A literatura é um evento lúdico lingüístico onde o leitor tem um encontro marcado com a proposta verbal do texto. Nesse encontro, o leitor usufrui o prazer do jogo artístico que um escritor desenvolve com a linguagem. Daí a importância de uma abordagem lingüística para a leitura de um texto literário. Se treinado, o aluno pode se dar conta de que determinados padrões lingüísticos em quaisquer de seus níveis (fonológico, morfo-sintático, lexical ou do discurso) são responsáveis por um efeito que o texto causa no leitor. Por exemplo, uma rima pode resultar num efeito encantatório, uma subordinação pode responder por um clima de suspense, uma repetição lexical pode gerar uma ironia. Quando o padrão lingüístico é identificado pelo efeito que causa no texto, ele se toma um padrão estilístico¹. Os padrões estilísticos são ilimitados. Cada leitura, cada produção de texto, pode gerar novos padrões. Daí a surpresa e a imprevisibilidade que contribuem para o prazer de ler. Nesse sentido, literatura é uma fonte de fruição permanente, necessária e enriquecedora.

2. A linguagem de um texto literário é complexa, mas é preciso discutir-se essa complexidade para evitar que o leitor se afaste do texto. A noção de linguagem literária, de desvio, foi introduzida pelos formalistas russos na década de 20. Estudos mais recentes mostram que, na verdade, nenhum texto é intrinsecamente literário e que a literariedade não é uma essência natural. Ela advém de uma relação entre o leitor, o autor e o texto, que implica na consciência de convenções e instituições². A literatura é meramente mais uma forma de se usar a linguagem e se utiliza de recursos que existem na linguagem do dia-a-dia. Carter & Nash³ propõem uma escala cujos polos são preenchidos, por um lado, pelos aspectos mais utilizados em textos literários e, por outro, por aqueles que mais se aproximam das trocas conversacionais do dia-a-dia. A aplicação da teoria dos atos da fala no discurso dramático⁴, os estudos sobre ponto

de vista na narrativa⁵, a investigação da ironia e sutileza no discurso indireto livre⁶, entre outros, apontam para a necessidade da conscientização do leitor para as escolhas lingüísticas que colaboram na construção do significado de um texto e para a percepção do que não necessariamente é dito ou escrito. Portanto, a conscientização do leitor para o discurso literário requer a aquisição e o desenvolvimento de uma habilidade que tem por base a compreensão da arte de manipulação lingüística por um determinado autor e a avaliação dessa linguagem em relação a convenções literárias.

3. Literatura estimula o imaginário. Ela encoraja o envolvimento pessoal levando a experiências emocionais e intelectuais que muitas vezes não podem ser realizadas no dia-a-dia. A literatura nos permite vivências de mundos alternativos, sem grandes riscos. Muito antes da era do computador, os textos já nos faziam experimentar realidades através das quais viajávamos a “mil léguas submarinas” ou vivíamos os contrastes sociais da Londres de Dickens. A literatura exercita a criatividade e a reflexão. Tomemos, por exemplo, o seguinte poema:

In a Station of the Métro

*The apparition of these faces in the crowd;
Petals on a wet, black bough.*

A análise da linguagem deste breve poema pode gerar uma série de discussões interessantes na sala-de-aula. O leitor sabe que o poema está no presente apesar de não haver qualquer identificação do tempo verbal. O que ocorre é que a escolha de *these* implica proximidade em tempo e espaço. Qual o efeito, então, de se manter o poema no presente?

Além disso, o que dizer da tensão criada pela utilização de um termo como *apparition*, semanticamente ligado ao fantasmagórico,

a algo repentino e transitório em contraste com a noção mais concreta e definida de *faces*? Porque o poeta situou estes dois termos numa comparação? E o que dizer do significado gerado ao colocar a palavra *Métro*, um produto da industrialização, na vizinhança de *bough*, um produto da natureza. De que forma a noção que o leitor tem de *A Station* compara com essa visão do poeta? Estas são somente algumas das perguntas que podem ser feitas a partir de uma percepção do uso de linguagem, sem que o professor tenha que explicar que este poema é um exemplo do movimento do Imagismo, que foi escrito em 1916 por Ezra Pound, uma das figuras mais importantes do movimento modernista em língua inglesa e que veio como reação a manifestações românticas. O exame detalhado da linguagem deste poema permite ao leitor experimentar acontecimentos semelhantes àquele que se deu na mente do poeta e leva o leitor a praticar um ato de imaginação.

4. Literatura é um ato de linguagem⁷, um ato de comunicação artística onde todos os participantes têm um papel. É preciso levar em consideração quem escreve, para quem e por que o faz. Inclui-se aí de que forma o texto é veiculado e como ele é recebido. Pesquisadores na Ciência da Literatura Empírico⁸ vêm desenvolvendo esta perspectiva desde a década de 70. A proposta dessa corrente de pensamento é entender o texto literário como uma ação comunicativa dentro de um sistema. Estes teóricos alemães propõem, então, que se estude o texto levando em consideração quatro funções e quatro papéis que podem ser desempenhados dentro do sistema literatura, no qual os estudiosos da Ciência da Literatura Empírica incluem qualquer tipo de produção cultural, como o cinema, o teatro, etc. Aqui nos restringiremos ao texto escrito. Neste caso, a produção é desempenhada pelo escritor; a recepção, pelo leitor; a mediação, por vários veiculadores do texto (editores, pessoal da área de propaganda, profissionais de lay-out, etc.); e pós-processamento, pelos críticos literários. Cada um destes

protagonistas, historicamente contextualizados, influem naquilo que vem a ser o texto literário. Podemos, por exemplo, fazer com que o aluno trabalhe cada um destes papéis a fim de que possa entender LITERATURA como um sistema a partir do enfoque de uma teoria de ação.

5. Literatura é cultura. Ela é um registro histórico do desenvolvimento da sensibilidade humana. Os textos e a história de sua recepção espelham de que forma as pessoas privilegiaram determinados temas e os pensaram através dos tempos. Porém é preciso deixar bem claro os dois perigos que espreitam a viagem por esta perspectiva. A primeira é a do imperialismo cultural. Estuda-se a literatura de um povo não para apropriar-se dela ou ser apropriado por ela, mas para poder discutir-se as diferenças entre povos e literaturas. Outro perigo é a noção errônea de que literatura torna o indivíduo um ser melhor. Como afirmou Steiner⁹, os porões da policia alemã durante a 2ª. Guerra Mundial estavam repletos de pessoas que ouviam Bach e liam Pushkin de manhã e à noite desempenhavam sua função de torturadores.

É bem verdade que a literatura estimula a reflexão. Ela contribui para a formação de um indivíduo mais embasado filosoficamente e com capacidade de questionar e buscar entender as relações complexas entre o ser humano, a sociedade e a linguagem. No entanto, ela não garante que pessoas cultas se tornem indivíduos melhores. Esta é uma questão ética que vai além dos limites de nosso tema. Nas palavras de Sartre¹⁰, “a cultura não salva nada nem ninguém, ela não justifica. Mas é um produto do homem: ele se projeta, se reconhece nela; só este espelho crítico lhe oferece a própria imagem.”

6. Literatura é cultura¹¹ em ação e, portanto, deve integrar os currículos de 1º., 2º. e 3º. graus, mas não como uma atividade supérflua ou complementar. Deixo de falar da importância da

integração entre o ensino de língua e literatura, por demais extenso para ser tratado neste artigo, e menciono a possibilidade de um professor de outra área, como história, quando estiver discutindo um determinado assunto (por exemplo, a 1ª. Grande Guerra) convidar um colega para apresentar um poema sobre esse tema, discutir com os alunos a forma com que um poeta viveu este fato. Mas para que isso possa ocorrer, faz-se necessário repensar currículos para que professores das diversas disciplinas possam trabalhar de forma integrada.

Por fim, aponto aqui para um ensino de literatura menos voltado à informação e mais preocupado com a conscientização lingüística e cultural do aluno. A própria institucionalização do ensino pressupõe uma orientação política que é preciso ser discutida. Mas, acima de tudo, é preciso deixar claro que a literatura é uma manifestação do imaginário e da criatividade, onde não há certo ou errado, onde a lógica humana pode ser desafiada aos seus limites, onde culturas e ideologias são comparadas. Voltando à epígrafe, a literatura, como registro de diferentes construções da realidade e das manifestações da sensibilidade humana, permite ao aluno perceber a sua parte de humanidade.

Notas

- 1 Zyngier, S. (1994) *At the Crossroads of Language and literature: Literary Awareness, Stylistics and the Teaching of Literature to EFLit Students*. Tese de doutorado. Universidade de Birmingham.
- 2 Derrida, J. (1992) *Acts of literature*, D. Attridge (ed.) London & NY: Routledge.
- 3 Carter, R. A. & Nash, W. (1983) "Language and Literariness". *Prose Studies*, vol. 6, n.º 2, pp. 123-141.
- 4 Burton, D. (1980) *Dialogue and Discourse*. London: Routledge & Kegan Paul.

- 5 Simpson, P. (1993) *Language, Ideology and Point of View*. London & NY: Routledge.
- 6 Fludernik, M. (1993) *The Fictions of Language of Fiction*. NY: Routledge.
- 7 Derrida, J. (1992), *Acts of Literature*. D. Attridge (ed.) London & NY: Routledge.
- 8 Schmidt, S. (1982) *Foundations for the empirical study of literature: the components of a basic theory*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- 9 Steiner, G. (1972) *Extraterritorial*. Middlesex: Penguin.
- 10 Sartre, J. P. (s/d) *As palavras*. RJ: Nova Fronteira, p. 182.
- 11 Valdés, J. M. (ed.). (1986). *Culture Bound: Bridging the Gap in Language Teaching*. Cambridge: CUP.